

Realidade Virtual e Equívocos para Copenhaga

José J. Delgado Domingos

O objectivo central da Conferencia de Copenhaga é o combate às emissões de CO₂eq, apontadas como principais responsáveis pelo aquecimento global que provocará as catástrofes que Al Gore popularizou. Todavia, embora as emissões tenham crescido acima dos cenários mais pessimistas, desde 1998 que não se verifica aquecimento (*)

como o famoso Hadley Centre se viu forçado a reconhecer. Criado por Margaret Thatcher, o Hadley Centre é, e foi, um destacado promotor do alarmismo climático e a ele deve a sua existência. Na mesma linha, Tony Blair encomendou o influente *Stern Review* e contratou Al Gore para o promover (*The Economist*, 2.11.2006), tendo sido extremamente bem sucedidos na criação da realidade virtual que a UE e a UNEP esperavam consagrar como realidade formal na Conferência de Copenhaga. Todavia, a dura realidade dos factos começou a emergir. Em Banguécoque, os EUA voltaram a sublinhar a recusa em subscrever um acordo internacional nos moldes de Quioto, por ser impossível de cumprir, e a UE inflectiu já o suficiente para convergir com os EUA.

Por outro lado, a China e os países em desenvolvimento exigem o respeito pelos acordos internacionais firmados em Quioto porque sabem que nem sequer a UE os poderá cumprir sem deslocalizar ainda mais actividades industriais para os países em desenvolvimento e sem as enormes transferências financeiras previstas nos mecanismos de compensação.

Como se sabe, o protocolo de Quioto não levou sequer à redução global de emissões de CO₂eq nos países que o subscreveram. Sem metas calendarizadas de redução das emissões pela China, a Índia, o Brasil, a África do Sul, etc., toda a retórica na defesa de um mercado internacional de licenças de emissão cai pela base.

Se a catástrofe climática devido às emissões de CO₂eq fosse tão iminente e dramática como a cruzada da UE/UNEP/Al Gore nos pretende convencer, a não assinatura em Copenhaga do acordo que defendem seria um suicídio colectivo. Felizmente, não é essa a realidade pois tal catástrofe existe apenas num universo abstracto de probabilidades subjectivas que os factos observados não justificam. O que os factos observados confirmam, e o Hadley Centre teve de reconhecer, foi que a amplitude da variabilidade climática natural foi superior ao aquecimento previsto pelos modelos climáticos. A essa variabilidade climática natural se deveu também o conhecido período quente medieval em que as temperaturas foram idênticas às do último século.

A cruzada contra as emissões de CO₂eq é deletéria quando propõe miragens económicas e tecnológicas cujo efeito prático se traduziria num gigantesco desvio dos recursos urgentemente necessários para minimizar as consequências da variabilidade climática natural e do excesso de consumo de energias não renováveis. É isto que obriga a ponderar com seriedade a posição assumida pela China, em vez de a vituperar em nome de princípios éticos eivados de hipocrisia. A China comprometeu-se já, quanto a Copenhaga (mas sem metas calendarizadas), a reduzir a intensidade energética da sua economia, a promover reflorestações gigantescas, a aumentar significativamente a produção de energias renováveis (já é o maior produtor mundial de energia eólica) e a construir as novas cidades sob o paradigma da auto-suficiência energética. Nas novas centrais a carvão lidera já, com as tecnologias mais avançadas. Sublinhe-se que o compromisso

anunciado não é para reduzir as emissões de CO₂eq mas sim para reduzir a intensidade energética da sua economia.

Em Portugal, a intensidade energética da economia aumentou continuamente nos últimos 30 anos (ao contrário da média na UE). Acresce que, embora a nossa capitação de emissões seja inferior à média europeia, seremos forçados a despende em mecanismos de compensação vultosos recursos (300 milhões) por incumprimento de metas negociadas no âmbito da UE. Recursos que bem falta fazer para utilizações mais úteis (**).

(*) http://www.metoffice.gov.uk/corporate/pressoffice/2009/global_temperatures_09.pdf

(**) consulte em <http://jddomingos.ist.utl.pt> , sob Urbanismo e Alterações Climáticas, a fundamentação do pensamento acima expresso.

Publicado no Jornal de Negócios em 3.11.2009